

Economista destaca efeito do "crash" na negociação

A concessão de linhas de crédito por parte dos bancos centrais dos países desenvolvidos aos bancos comerciais, de investimento e às corretoras que tiveram grandes prejuízos em função do "crash" na Bolsa de Nova York pode acabar beneficiando, indiretamente, o Brasil e servir como um trunfo importante na renegociação da dívida externa.

"Foi aberta uma exceção", resume o economista Daniel Dantas, diretor da Icatu Participações, ao mencionar o "bailing-out", que, na prática, consiste em uma verdadeira operação-socorro, e que sempre foi criticado pelos grandes bancos privados e oficiais das nações desenvolvidas. Dantas receita, assim, que o governo brasileiro deve explorar com eficácia este precedente aberto com a queda vertiginosa da bolsa nova-iorquina.

No raciocínio do economista, a queda brusca, com o Índice Dow Jones fechando em 1.736,74 pontos na última terça-feira, significa que a alta anterior era impulsionada também por uma variável artificial. Para se ter uma idéia, há cerca de cinco anos o Dow Jones girava na faixa de 700 a 800 pontos.

Dantas observa, contudo, que o horizonte ainda não está claro o suficiente a ponto de se afirmar se os efeitos serão negativos ou positivos para o País, no médio prazo diante do "crash". De qualquer forma, a queda já produziu um fato positivo, com o recuo ontem das taxas de juro internacionais.

Para ele, as autoridades brasileiras precisam neste instante explorar bem a

concessão do "bailing-out", pois "afinal de contas reza a cartilha que quem erra tem que pagar", e a atitude dos bancos centrais estrangeiros foi exatamente oposta a esta regra, ao socorrerem as instituições prejudicadas com a despenhada da bolsa norte-americana.

Na opinião de Dantas, fica difícil, portanto, de saber com precisão se o cenário daqui para frente será desfavorável, com uma grande recessão internacional, ou positivo, com a redução das taxas de juro, como uma forma de compensar a queda da demanda por bens de consumo duráveis. O problema, de todo jeito, reside na forma pela qual o governo dos Estados Unidos vai conseguir contornar seu imenso déficit comercial.